FACULDADE INTERNACIONAL DE TEOLOGIA REFORMADA

BACHARELATO EM ESTUDOS BÍBLICOS

Lucas Salviano

 OS LIMITES DA AUTORIDADE DO GOVERNO CIVIL SOB A ÓPTICA DA TRADIÇÃO REFORMADA

PRESIDENTE PRUDENTE

2018

*Et tu, Brute?*

A expressão latina revela o espanto de Júlio César ao perceber que, entre os seus assassinos no senado, era o seu filho adotivo Brutus um dos tais. A fala atribuída como sendo as últimas palavras de Júlio César, fora imortalizada na peça shakespeariana Julius Caeser.

Com sua maestria peculiar, Shakespeare soube dramatizar uma das traições mais conhecidas da história (talvez a segunda mais conhecida). Porém, a traição mor não alcançou a relevância que se devia. Se faz necessário saber que previamente ao conluio dos senadores, fora praticada por Júlio César traição maior do que aquela que o destino lhe reservava.

A traição de Júlio César era sutil. Tratava-se de um escuso desejo do ditador, o desejo de tornar o seu governo em algo perpétuo e dinástico, o desejo de estabelecer em Roma uma monarquia.

Enquanto ditador seu poder (divergindo do conceito atual) derivava do povo (representado pelo senado), e era assim que se mantinha. Já na ideia de uma monarquia o poder e a sua respectiva manutenção se manteriam alheia ao povo. Tratava-se de um poder sem limites, um poder autônomo e autoritário, um poder que os romanos não estavam dispostos a aceitar.

De forma *ipsis litteris* foram os senadores fieis para com os cidadãos romanos e ainda em seu estado embrionário mataram a tirania que se projetava por meio dos intentos de Júlio César. 18 séculos mais tarde, atentou-se para essa mesma corrupção Abaham Kuyper.

Ao ler os tratados de Kuyper pode-se inferir que o calvinista partilhou de sentimentos e preocupações similares aos dos romanos do século I. Divergindo completamente da *práxi* empregada por eles na solução, o reformado se limitou em alertar e denunciar.

E é com base em suas denúncias e alertas que o presente trabalho pretende apontar sob a perspectiva bíblica e reformada, qual a função do Estado, e qual deve ser a postura do cristão diante dos excessos do governo.

Antes que possamos de fato nos debruçarmos no assunto, se faz necessário um breve comentário que visa justificar o porque de se adotar os óculos calvinista para as leituras bíblicas e históricas.

Em dias hodiernos a nomenclatura calvinista remete aos mais variados sentidos, porém, há de se ter em mente que o calvinismo é sobretudo uma cosmovisão de vida que tem como alicerce os escritos do Grande Livro. Por ser uma cosmovisão ele é abrangente e por ser alicerçado na Bíblia ele é confiável, o que nos permite concordar com as primeiras palavras que cito de Kuyper: “o calvinismo realmente nos provê uma unidade de sistema de vida [...] não é um fenômeno parcial, nem foi um fenômeno simplesmente temporário, mas é um sistema de princípios abrangente, que, enraizado no passado, é capaz de fortalecer-nos no presente e de encher-nos com confiança para o futuro.” ¹

Entretanto não é o calvinismo maior que o seu Senhor e nem maior que as palavras dEsse Senhor. Se ousaremos apontar os limites do Estado e qual deve ser a conduta de um cristão diante dos excessos do governo, deveremos estar assegurados pelo Livro dos livros, pois é este a palavra última para todo homem.

Com Romanos 13 (principalmente nos 4 primeiros versos) iremos adentrar ao assunto em questão, por saber que é este texto o primeiro a ser evocado por crentes em Jesus quando diante das indagações concernentes à política (governantes e governados).

“Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos. Pois os governantes não devem ser temidos, a não ser pelos que praticam o mal. Você quer viver livre do medo da autoridade? Pratique o bem, e ela o enaltecerá. Pois é serva de Deus para o seu bem. Mas se você praticar o mal, tenha medo, pois ela não porta a espada sem motivo. É serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal”. ([Rm13.1-4](https://www.bibliaonline.com.br/nvi/rm/13/1-4%2B))

Os anos 55 d.C e 56 d.C, foram os anos em que o apóstolo Paulo escreveu a sua carta aos romanos, neste tempo quem governava Roma era o imperador Nero. A história irá nos mostrar que o período em que Nero ascendeu ao poder, foram os melhores anos de seu governo. Inicialmente a sua imoralidade sexual (no primeiro capítulo dessa mesma carta, o apóstolo Paulo tece duras críticas ao estilo de vida devasso do imperador) e ações megalomaníacas eram limitadas ao ambiente privado. Como homem público e governante, Nero teve em seus primeiros anos uma boa atuação, a espada (força) estava apontada para os maus feitores. Em seus primeiros anos de governo as boas práticas estavam sendo honradas. O alerta do apóstolo Paulo aos cristãos de Roma, era de que eles não deveriam rebelar-se contra o governo estabelecido tendo como justificativa as imoralidades praticadas em privado pelo imperador.

Já no período (60 d.C – 65 d.C) em que a primeira epístola do apóstolo Pedro é escrita, o imperador Nero se revelara um governante completamente diferente do que outrora foi. Se no início (período em que a carta de romanos é escrita) de seu governo toda forma de culto era permitida, agora somente o culto a ele e aos deuses romanos são permitidos. E no momento em que o imperador (pois era esse o título dado ao governador maior no império romano) Nero passa adotar essa postura, o apóstolo Pedro escreve: “Por causa do Senhor, sujeitem-se a toda autoridade constituída entre os homens; *seja ao rei*, como autoridade suprema, seja aos governantes, como por ele enviados para punir os que praticam o mal e honrar os que praticam o bem. Pois é da vontade de Deus que, praticando o bem, vocês silenciem a ignorância dos insensatos. Vivam como pessoas livres, mas não usem a liberdade como desculpa para fazer o mal; vivam como servos de Deus. Tratem a todos com o devido respeito: amem os irmãos, temam a Deus e *honrem o rei* [*grifo nosso*]”. ([1 Pe 2:13-17](https://www.bibliaonline.com.br/nvi/1pe/2/13-17%2B))

O professor e teólogo Franklin Ferreira, ministrando uma palestra nos atenta para o fato de que não era costume referir-se aos imperadores romanos como sendo reis. Se não era esse o costume dos romanos, muito menos era dos judeus e cristãos. Recorrendo aos originais e a sólidos exegetas, o professor Franklin irá provar que o apóstolo Pedro estava aludindo aos reis antigos de Israel (mas não a todos os reis), referia-se o apóstolo aos reis que obedeceram e limitaram-se ao cumprimento do propósito a eles imposto por Deus. ²

Quando o apóstolo Pedro inicia dizendo que todos devem “sujeitar-se a toda autoridade constituída entre os homens”, a ideia que o *sujeitar* traz no original, é a ideia de voluntaria e deliberadamente se por sob o governo. Não é algo constante e independente do tipo de governo, não é um sujeitar absoluto. O que nos assegura de que o apóstolo Pedro não estava instruindo uma obediência cega e incontestável, são os dizeres dele ao capitão pretoriano e os sacerdotes quando esses vieram lhe ordenar o cessar da pregação do evangelho: “mais importa obedecer a Deus do que aos homens.” ([At 5:29](https://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/5/29%2B))

Com essas palavras o apóstolo Pedro parece nos indicar que é valido a desobediência e o arcar das consequências por causa do evangelho.

Outro conhecimento que os originais nos trazem é que a expressão traduzida como *autoridade constituída entre os homens*, no original remete a ideia de toda autoridade diluída entre os homens (autoridade paternal, patronal, governamental e etc). Qualquer autoridade que utilize do seu poder limitado para afrontar a autoridade absoluta, que pertence somente a Deus, deve ser desobedecida.

Ainda nesse mesmo capítulo (mais precisamente no verso 17), o apóstolo Pedro parece indicar a isonomia da autoridade quando diz que, todos e o rei (aqui parece propositadamente estar igualando o rei a todos os outros) devem ser honrados.

Nas palavras de Kuyper todas as autoridades são “culpadas diante de Deus” 3, quando arrogam para si um poder maior que lhes é cabido e quando impõem algo que está além do que lhes é permitido. Nesse caso a “luta pela liberdade não é apenas declarada permissível, mas torna-se um dever para cada indivíduo em sua própria esfera. E isto não como foi feito na Revolução Francesa, pondo Deus de lado e colocando o homem no trono da Onipotência de Deus; mas pelo contrário, levando todos os homens, inclusive os magistrados, a curvarem-se na mais profunda humildade perante a majestade do Deus Todo-Poderoso.” 4

O texto de romanos 13 tal como 1Pedro 2, mostra claramente que a autoridade concedida por Deus para o governante, é para que esse empregue a força na punição do mal e louve o correto.

David Koyzis citando Hannah Arendt irá nos lembrar que *poder* e *autoridade* são duas coisas distintas. Irá dizer ele que, “a autoridade é normalmente definida como o *direito* a exercer o poder”. 5 Para nos alertar que força (poder) não é inerente a autoridade, Koyzis prossegue dizendo que “[...] o exercício de fato do poder de comando não significa que ele seja exercido de direito. Tanto um bandido quanto um policial podem portar uma arma. No entanto, igualar a situação do bandido à do policial é ignorar uma diferença muito significativa entre ambos.” 6

Todas as vezes em que a força concedida para a autoridade for empregada para outros fins que não os propósitos previamente estabelecidos, estará caracterizado ali a corrupção e consequentemente a perda da legitimidade da autoridade. A manutenção de tal governo só será possível por meio do autoritarismo.

A bíblia relata que por ter Saul arrogado para si as responsabilidades que eram restritas aos sacerdotes, Deus o rejeitou como rei (cf. 1Sm 15, especialmente o verso 23), tal relato nos ensina que Deus não chancela o autoritarismo, pelo contrário, nos mostra que esse se torna um déspota diante dEle.

Qualquer ordem que insurja contra a santidade de Deus e/ou seus mandamentos, trata-se de uma tirania e fica desobrigada de ser cumprida pelo crente e por qualquer outro cidadão.

Transcrevo o texto de êxodo 1 aonde mostra Deus abençoando as parteiras (provavelmente descrentes do Deus dos hebreus) que desobedeceram a ordem tirânica do Faraó: “E disse: Quando ajudardes a dar à luz às hebréias, e as virdes sobre os assentos, se for filho, matai-o; mas se for filha, então viva. As parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram como o rei do Egito lhes dissera, antes conservavam os meninos com vida. Então o rei do Egito chamou as parteiras e disse-lhes: Por que fizestes isto, deixando os meninos com vida?
E as parteiras disseram a Faraó: É que as mulheres hebréias não são como as egípcias; porque são vivas, e já têm dado à luz antes que a parteira venha a elas. Portanto Deus fez bem às parteiras. E o povo se aumentou, e se fortaleceu muito. E aconteceu que, como as parteiras temeram a Deus, Ele estabeleceu-lhes casas.” ([Ex](https://www.bibliaonline.com.br/acf/ex/1/16-21%2B) 1.16-21)

Assim compreendeu os Huguenotes (cristãos franceses perseguidos no século XVI), assim compreendeu os Dissidentes ingleses (cristãos britânicos perseguidos no século XVII)

A tradição reformada em nenhum momento da história (fosse em paz, fosse em guerra) ousou estabelecer novos fundamentos quanto ao modo de se governar e de se obedecer, antes, por meio da influência acresceu refinados elementos nas políticas públicas. Elementos esses extraídos do grande Livro, a saber, a Bíblia.

Steven Lawson lembra-nos que o homem é um ser holístico, e que a graça comum alcança todas as esferas da vida humana (seja ele regenerado ou não), lhe proporcionando crescimento e segurança.

“As doutrinas da graça se prestam para elevar a vida da igreja em todos os aspectos. O grande teólogo de Princeton, Benjamin Breckenridge Warfield, escrevendo há mais de um século, observou perceptivelmente: “o mundo deve compreender com maior clareza que o movimento realmente evangélico permanece ou cai no calvinismo”. À primeira vista, essa declaração surpreendente pode parecer um exagero, ou até uma hipérbole. Mas, quanto mais o interessado ponderar sobre ela, mais percebera que o legitimo movimento evangélico (essa parte do corpo de Cristo que corretamente adere à inerrância da Escritura, com plena aceitação das doutrinas da depravação total do homem e da soberania de Deus em todos os aspectos da vida) sempre tem necessidade das doutrinas ligadas à soberania de Deus para poder ancorar em base firme e elevada. Pois, sem os ensinos da verdade reformada concernente à soberania de Deus na salvação do homem, a igreja se enfraquece e se torna vulnerável”. 7

Em suma o que se está asseverando é que o homem distante das sagradas Escrituras e da sua correta interpretação, fica incapaz de reagir corretamente perante as adversidades que derivam da corrupção.

O presente escrito tem como objetivo afirmar que biblicamente o Estado tem de limitar o uso de sua força na punição do mal e na promoção do bem (cf. Rm 13 e 1Pe 2). Quando a sua força é usada para algo que vá além disso, caracteriza-se uma corrupção e o regente de tal Estado se torna um autoritário.

Acompanhando o escrito sagrado, a cosmovisão calvinista torna-se a única capaz de atender o homem em todas as suas demandas, pois é ela alicerçada na Bíblia e em sua correta interpretação.

O presente escrito também conclui que a cosmovisão calvinista é a única capaz de conscientizar o homem quando esse se encontrar praticando a subserviência à um governo autoritário e corrompido. A cosmovisão calvinista é a única que aponta para a segurança da desobediência civil quando esta confronta um ordenamento antibíblico. E por fim a cosmovisão calvinista se sobrepõem a qualquer corrente ideológica quando comprovadamente (quer por crentes ou descrentes) revela-se ter sido capaz de trazer progresso para uma sociedade, isso por entender que as orientações bíblicas devem ser aplicadas em todas as esferas da vida.

1 Kuyper, A. *Calvinismo.* Editora Cultura Cristã.

2 Ferreira, F. *O cristão e a legitima obediência ao Estado*. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=h27z5dYOsaU>

3 Kuyper, A. *Calvinismo.* Editora Cultura Cristã.

4 Ibid

5 Koyzis, D. T. *Visões e Ilusões Políticas: Uma análise & crítica cristã das ideologias contemporâneas.* Editora Vida Nova.

6 Ibid

7 Lawson, S. *Fundamentos da Graça.* Editora Fiel